

Informe Econômico



■ CRISTIANO ROMERO

Fraga e as metas inflacionárias

A sabatina de Armínio Fraga Neto foi morna, do ponto de vista da revelação de seu pensamento econômico. Já era esperado. Fraga não poderia, no momento em que a atenção do mercado estava toda voltada para a sua arguição, tecer detalhes sobre suas idéias a respeito da condução da política econômica.

No Banco Central, como se sabe, ele não será apenas um operador, mas um dos principais formuladores da nova equipe econômica que enfrentará o difícil desafio de resgatar o Brasil da rota de incerteza, recuperando a credibilidade perdida e colocando o país novamente no rumo da estabilidade econômica. Qualquer declaração mais afoita do novo presidente do BC certamente deixaria o mercado ainda mais nervoso e volátil.

As poucas declarações de cunho econômico – na maior parte do tempo, ele se viu obrigado a responder às acusações dos senadores da oposição, e, diga-se de passagem, o fez com serenidade e frieza – não tiveram repercussão no mercado, que, mesmo intimidado pela fiscalização do BC, viveu um dia calmo.

Em seu depoimento, Armínio Fraga reafirmou a opção pelo regime de câmbio flutuante, com intervenções do Banco Central para conter a volatilidade. Acenou com a redução das taxas de juros reais, propiciada pela melhora das contas públicas. Sobre o controle de capitais, reiterou a liberalização, iniciada por ele mesmo, em 1991, quando era diretor de Assuntos Internacionais do BC, mas reconheceu a necessidade de se adotar uma supervisão “prudencial” da entrada de capitais.

O ponto mais polêmico das declarações de Armínio Fraga foi, sem dúvida, a informação de que pretende trabalhar com metas inflacionárias, que serão usadas para balizar a política monetária. O ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega considera a proposta muito otimista.

Maílson, que elogiou a atuação de Fraga Neto na sabatina, explica que, enquanto o governo não fizer o ajuste fiscal, eliminando o déficit público, o Tesouro Nacional terá sempre uma atuação expansiva na economia, o que obrigará o BC a manter uma política de juros austera, de difícil sustentação política.

O economista Marcelo Allain, do Banco BMC, também acha complicado fixar meta inflacionária num cenário em que as contas públicas estão desajustadas. Allain diz que só é possível fixar metas quando se tem uma previsão de estabilidade das variáveis econômicas. Ele conta que um estudo recente do Fundo Monetário Internacional mostra que os países que adotaram metas inflacionárias só o fizeram quando os índices de preços começaram a cair.

A sexta-feira, que prometia ser uma reprise da última sexta de janeiro, acabou tendo um saldo positivo. Além da aprovação da nova diretoria do BC no Senado, o presidente Fernando Henrique Cardoso iniciou um entendimento com os governadores, pondo fim a um clima de atrito que vinha contribuindo para tornar ainda mais nebulosa a conjuntura brasileira.